

# O Prêmio Strega e sua evolução do pós-guerra ao 3º milênio

Clara Maria Salvador Pereira da Costa<sup>1</sup>

Doris Nátia Cavallari<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem o objetivo de apresentar sucintamente o *Premio Strega*, o mais famoso entre os reconhecimentos concedidos a uma obra narrativa italiana. Apesar de pouco conhecido no Brasil, na Itália o concurso tem forte influência sobre o público leitor, impacto nas atividades editoriais e ampla cobertura midiática. Em primeiro lugar, fizemos uma breve retrospectiva de seus 75 anos de história: criadores e sucessores, vencedores emblemáticos, jurados ilustres e seu processo de expansão e modernização. A segunda parte do artigo lista os principais pontos do regulamento, com foco em atualizações recentes. Em seguida, apontamos as predileções do *Strega* que suscitam polêmicas: escassez de autoras mulheres e baixa alternância de editoras entre os contemplados, aspectos ainda mais evidentes na comparação com outros renomados prêmios italianos. Por fim, relacionamos características narrativas e temáticas presentes nos romances vencedores dos últimos 20 anos, traduções no Brasil e adaptações para o cinema.

**Palavras-chave:** narrativa italiana; século XXI; prêmio literário; *Premio Strega*.

## The Strega Prize and its evolution from the post-war to the 3rd millennium

**Abstract:** This paper aims to summarily present the *Premio Strega*, the most famous of the recognitions granted to an Italian narrative work. Although little known in Brazil, in Italy the contest has a strong influence on the reading public, an impact on publishing activities and wide media coverage. First, we made a brief retrospective of its 75-year history: creators and successors, emblematic winners, illustrious jurors, and its process of expansion and modernization. The second part of the article lists the main points of the regulations, with a focus on recent updates. Next, we point out the Strega's controversial predilections: the

---

<sup>1</sup> Clara Maria Salvador Pereira da Costa possui Doutorado em Letras (Língua e Literatura Italiana) pela Universidade de São Paulo (USP), Graduação em Letras Português-Italiano pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Graduação em Relações Internacionais pela Universidade Estácio de Sá (UNESA).

E-mail: [clarasalvador@outlook.com](mailto:clarasalvador@outlook.com).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7896-5641>.

<sup>2</sup> Doris Nátia Cavallari é Livre-docente na Universidade de São Paulo (USP). Possui Doutorado em Letras (Língua e Literatura Italiana), Mestrado em Letras (Língua e Literatura Italiana) e Graduação em Letras (USP); Aperfeiçoamento em Corso di Aggiornamento per Brasiliani, na Scuola di Lingua e Cultura Italiana per Stranieri di Siena (SLCIS); e Aperfeiçoamento em Corso Superiore con Abilitazione All'insegnamento, na Università Italiana Per Stranieri (UIS).

E-mail: [dorism@usp.br](mailto:dorism@usp.br).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9280-5863>.

scarcity of female authors and the low alternation of publishers among the winners, aspects that are even more evident when compared to other renowned Italian prizes. Finally, we relate narrative and thematic characteristics present in the winning novels of the last 20 years, translations in Brazil and film adaptations.

**Keywords:** Italian narrative; Twenty-first century; literary award; *Strega Prize*.

Este artigo é fruto de um estudo iniciado em 2014, que resultou na tese “Narrativa italiana no século XXI segundo o *Premio Strega*”, defendida em outubro de 2019 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Nossa pesquisa estudou o prêmio desde as origens, mas focou nas primeiras dezoito obras ganhadoras dos anos 2000, com o objetivo de mapear temas e estruturas da narrativa hipermoderna. Neste espaço, apresentaremos história, regimentos, polêmicas e curiosidades desse concurso que já existe há mais de sete décadas.

### **Fim do fascismo: renovação literária e criação do Strega**

A liberdade de expressão foi fortemente reprimida na Itália durante as duas décadas de vigência do regime fascista. Com a volta da democracia, houve uma retomada gradual da produção cultural e a literatura, sabida documentadora da humanidade e de seus eventos, teve um papel fundamental na reconstrução da sociedade civil.

Foi nesse contexto que a escritora e tradutora Maria Bellonci e seu marido, o jornalista e crítico literário Goffredo Bellonci instituíram, em 1947, o *Strega*. Desde 1944 o casal costumava reunir em sua residência um grupo de artistas, escritores e críticos literários que ficou conhecido como os *Amici della domenica* (Amigos do domingo). Em tais encontros, os debates, as trocas de ideias e os pareceres sobre as obras literárias publicadas naquele período já eram habituais, de modo que a ideia do prêmio nasceu de forma orgânica, além de ter sido facilitada pelo apoio financeiro de Guido Alberti, empresário e mecenas que deu ao prêmio o nome do famoso licor produzido pela empresa de sua família, cuja garrafa vem sendo entregue como troféu aos escritores premiados.

Diante de outros prêmios literários existentes na Itália, nossa escolha pelo *Strega* como parâmetro para aferir a narrativa italiana no século XXI advém do

prestígio mundialmente reconhecido àqueles que constituem e constituíram ao longo de mais de setenta anos o seu júri, por julgarmos que seu poder de influência tanto sobre o público leitor quanto sobre a mídia é superior ao dos demais concursos literários italianos.

Mais de mil intelectuais, entre homens e mulheres, já compuseram o seu comitê avaliador, que hoje conta com mais de quatrocentos membros. Citaremos aqui alguns de seus ilustres componentes, do passado e do presente, atuantes em diversas áreas culturais: Michelangelo Antonioni, Marco Bellocchio, Bernardo Bertolucci, Federico Fellini, Vittorio Gassman e Domenico Procacci (cinema), Dario Fo e Eduardo De Filippo (teatro), Gae Aulenti (arquitetura), Valentino Bompiani, Giulio Einaudi, Giangiacomo Feltrinelli, Livio Garzanti, Vito Laterza e Arnaldo Mondadori (editoria), Giuseppe Ungaretti, Pier Paolo Pasolini, Salvatore Quasimodo, Eugenio Montale e Dacia Maraini (poesia), Aurelio Roncaglia (filologia e crítica literária) e Umberto Eco, Dino Buzzati, Primo Levi, Elsa Morante, Alberto Moravia, Roberto Saviano, Leonardo Sciascia, Antonio Tabucchi, Melania Mazzucco, Margaret Mazzantini, Luigi Malerba, Natalia Ginzburg, Carlo Emilio Gadda, Alberto Bevilacqua e Italo Calvino (prosa), entre outros (COSTA, 2019, p. 15).

Ao fazer um balanço das conquistas nos primeiros vinte anos do prêmio, sua fundadora enaltece as muitas traduções de obras premiadas mundo afora, a divulgação de autores antes desconhecidos pelo grande público e o rico debate literário incitado pela competição. Além disso, afirma que, mesmo tendo deixado de contemplar outras obras também muito importantes, o rol dos vencedores do *Strega* “permanece uma referência estável para quem quiser ter uma ideia da literatura contemporânea” (BELLONCI, 1995, p. 80-85). A lista completa das obras vencedoras pode ser acessada no já mencionado *website* do prêmio, contudo, trazemos aqui alguns destaques:

O primeiro contemplado foi Ennio Flaiano (*Tempo di uccidere*, 1947), seguido, no decorrer dos anos, por autores e obras que se tornaram célebres como Cesare Pavese (*La bella estate*, 1950), Alberto Moravia (*I racconti*, 1952), Elsa Morante (*L'isola di Arturo*, 1957), Dino Buzzati (*Sessanta Racconti*, 1958), Giuseppe Tomasi di Lampedusa (*Il Gattopardo*, 1959), Natalia Ginzburg (*Lessico familiare*, 1963), Alberto Bevilacqua (*L'occhio del gatto*, 1968), Primo Levi (*La chiave a stella*, 1979), Umberto Eco (*Il nome della rosa*, 1981), Goffredo Parise (*Il sillabario n.2*, 1982), Dacia Maraini (*Buio*, 1999). No século XXI, destacam-se

entre os autores já consagrados Margaret Mazzantini (*Non ti muovere*, 2002) e Niccolò Ammaniti (*Come Dio comanda*, 2007) (COSTA, 2019, p. 14).

Atualmente a organização do *Strega* é de incumbência da Fundação Bellonci que foi instituída logo após o falecimento de sua idealizadora, em 1986, por Anna Maria Rimoaldi, então braço direito de Bellonci no comando do prêmio, que terminou por ser sua sucessora natural. A gestão Rimoaldi foi marcada pela “subjetividade com que geria o concurso: persuadia autores de cujas obras gostava a concorrerem e, obtida a aceitação deles, os defendia com unhas e dentes junto aos editores e aos *amici della domenica*” (COSTA, 2019, p. 40). Contudo, deve-se também a ela a abertura às melhores propostas de editoras independentes iniciada em 2005 e o enriquecimento da atuação do *Strega* como promotor da literatura da Itália dentro e fora daquele país. O interesse do público pelo prêmio havia diminuído consideravelmente nas últimas décadas do século XX e tal guinada fazia-se imprescindível à sua sobrevivência.

Com a morte de Rimoaldi em 2007, seu principal colaborador, Stefano Petrocchi, a sucedeu nessas tarefas organizativas. Em 2006 ele já havia sido nomeado coordenador dos projetos de promoção da leitura e, em 2013, assumiu a diretoria da Fundação Bellonci. Desde então, são mais visíveis os esforços da instituição para aumentar a credibilidade do prêmio e sua democratização, de modo a evitar críticas negativas a seu *modus operandi* e polêmicas improdutivas. Os efeitos dessas mudanças são notados tanto pela intensa cobertura jornalística nos meses que precedem e sucedem os resultados (abril, maio, junho e julho) quanto pelas estantes ou inteiras vitrines que muitas livrarias costumam dedicar aos romances finalistas.

Nos últimos anos, a forte presença do *Strega* nas diversas redes sociais fez aumentar consideravelmente sua visibilidade midiática. Visto que se trata de um terreno aberto à voz do público, os debates e polêmicas em torno do concurso na internet corroboram para a sua popularização. No mais, a Fundação Bellonci costuma promover eventos em escolas, universidades e museus nos quais se propicia o contato entre os leitores e os autores finalistas, comumente alçados a verdadeiras celebridades. A instituição parece ter compreendido que, no mundo

das trocas de PDFs, vender livros importa relativamente e que introduzir os escritores no grande circuito multimidiático é o que realmente conta.

A expansão do concurso também pode ser percebida pela criação de novos segmentos que são iniciativas estratégicas para aproximar jovens e crianças ao hábito da leitura, fidelizando-os de modo a garantir um público de leitores para o futuro. Com efeito, além da categoria principal, desde 2014 existem o *Premio Strega Giovani* em que os doze concorrentes são votados por estudantes do Ensino Médio tanto na Itália quanto no exterior; o *Strega Europeo*, ao qual concorrem cinco obras atuais traduzidas na Itália, mas de escritores europeus que tenham recebido em seus próprios países um importante reconhecimento nacional; e, desde 2016, o *Strega ragazze e ragazzi* que quando criado subdividia-se apenas nas categorias “+6” e “+11”, mas devido ao sucesso foi ampliado em 2020 com a chegada da “+8”. Esses números referem-se à idade das crianças que, através de convênios estabelecidos com escolas de Ensino Fundamental, elegem livros de narrativa infanto-juvenil, italianos ou traduzidos, pré-selecionados por faixa etária pela Fundação Bellonci.

### **Regulamento**

A cada edição, concorrem somente obras de narrativa em italiano, publicadas pela primeira vez entre o dia 1º de março do ano anterior e 28 de fevereiro do corrente. Todos os integrantes dos *Amici della domenica* têm direito, com o consenso do autor, a sugerir uma obra que eles acreditem ser merecedora do prêmio. Uma mesma obra só pode ser indicada por um único membro e, entre elas, doze são selecionadas pelo comitê diretivo do *Strega*. Da chamada *dozzina* (lista com os doze candidatos), os jurados devem indicar suas três obras preferidas, sendo que as cinco mais votadas (a famosa *cinquina*) serão apuradas na Casa Bellonci no mês de junho. Na última etapa de votação, cada jurado escolhe apenas uma obra e a declaração do vencedor acontece em Roma, normalmente no *Ninfeo di Villa Giulia*, no início de julho.

No que se refere às medidas adotadas visando à democratização do *Strega*, em época mais recente (a partir de 2010), somou-se à heterogeneidade das áreas de atuação dos *Amici della domenica*, a instituição do voto dos chamados “*lettori forti*”, isto é, leitores assíduos de várias regiões do país indicados por trinta

livrarias associadas à Associação dos livreiros italianos, a eles acrescentam-se ainda outros 20 votos coletivos oriundos de escolas e universidades, 15 círculos de leitura organizados nas bibliotecas da cidade de Roma e, finalmente, 200 votos de estudiosos, tradutores e intelectuais italianos e estrangeiros frutos de uma parceria vigente desde 2014 entre 20 *Istituti Italiani di Cultura* no mundo e a Fundação Bellonci. Segundo o *website* do prêmio ([www.premiostrega.it](http://www.premiostrega.it)), atualmente 660 pessoas têm direito ao voto.

Outra novidade no regulamento diz respeito ao artigo 7º que prevê pelo menos uma obra publicada por uma editora média ou pequena entre os finalistas. Permite-se inclusive uma final com 6 ou mais obras (em caso de empate) a fim de que essa regra possa ser cumprida.

Quanto à compensação financeira, quando foi criado o *Strega* premiava o vencedor com duzentas mil liras. Atualmente, além da famigerada garrafa de licor, o vencedor recebe cinquenta mil euros em dinheiro, quantia quase insignificante se comparada aos demais frutos advindos da vitória que foram enumerados pela autora Alessandra Contenti no ensaio *L'invenzione del best seller*, no qual afirma que muito além dos direitos autorais recebidos pela venda da própria obra, o autor ganha fama. Essa sim é a grande responsável pelo aumento exponencial de vendas não só da obra premiada, mas de outras publicadas pelo mesmo autor. Há também renda e reconhecimento por tudo aquilo que deriva da celebridade: edições de capa dura, edições econômicas, direitos pela cessão aos clubes do livro e dos audiolivros, direitos cinematográficos e teatrais, *royalties* pelos vários *gadgets*, cachê pela presença do autor em programas de rádio e TV, trilha sonora, direito à imagem e assim por diante (CONTENTI, 2002, p. 106).

### **Quais são as predileções do Strega?**

Autores do sexo masculino. Nos setenta e cinco anos do *Strega* apenas onze mulheres foram consagradas. O primeiro reconhecimento a uma autora aconteceu dez anos após a instituição do prêmio, em 1967:

Elsa Morante, com *L'isola di Arturo*, foi a primeira mulher a receber o Strega. A opinião pública dividiu-se entre aqueles que suspeitavam que as mulheres votantes, sendo feministas,

favoreceriam suas semelhantes e aqueles que acreditavam que haveria desunião e concorrência entre as mulheres, portanto as juradas votariam em homens. Bellonci, por sua vez, esclarece que as mulheres representavam à época menos de um quarto do número total de jurados, de onde se conclui que são os homens que não votam nas autoras e muitas vezes sequer leem seus livros (COSTA, 2019, p. 28).

A década de 1960 foi a mais recheada de vitórias femininas da história do prêmio: Natalia Ginzburg com *Lessico Familiare* em 1963, Anna Maria Ortese com *Poveri e semplici* em 1967 e Lalla Romano com *Le parole tra noi leggere* em 1969. As únicas representantes das décadas seguintes foram Fausta Cialenti (*Le quattro ragazze Wieselberger* em 1976) e a fundadora do prêmio Maria Bellonci (*Rinascimento Privato* em 1986). Os anos 1990 e a primeira década dos anos 2000 agraciaram duas mulheres, cada: Mariateresa Di Lascia com *Passaggio in ombra* em 1995, Dacia Maraini com *Buio* em 1999, Margaret Mazzantini com *Non ti muovere* em 2002 e Melania G. Mazzucco com *Vita* em 2003.

Sobre o reconhecimento de mulheres por parte do *Strega*, ao final da cerimônia de premiação de 2013, a escritora Romana Petri que estava entre as primeiras colocadas daquele ano e já fora finalista em edição passada, concedeu uma entrevista ao jornal *La Repubblica*, na qual afirmou: “este não é um prêmio para mulheres nem jovens nem velhas. É duro, façam o cálculo: considerem o número dos *Strega* e verão quantas mulheres venceram. É também um prêmio em que a editora vencedora não muda quase nunca” (tradução nossa)". De fato, quinze anos do século XXI se passaram até que o *Strega* voltasse a coroar a obra literária de uma autora: foi na edição de 2018, uma das mais femininas da história do prêmio. Havia 6 obras finalistas escritas por mulheres na dozzina e três na cinquina. Helena Janeczek foi a mais votada e, coincidência ou não, a protagonista do romance ganhador, a fotógrafa Gerda Taro, foi uma mulher independente, forte, corajosa e livre (COSTA, 2019, p. 16).

Nos primeiros vinte anos deste milênio, apenas três autoras receberam o *Strega*. Em caráter comparativo, pesquisamos como se comportaram no mesmo período outros grandes prêmios de narrativa italiana no quesito gênero dos premiados e obtivemos os seguintes resultados: quatro autoras venceram o *Viareggio*. Premiaram sete mulheres o *Bagutta*, o *Bagutta Opera Prima* e o *Campielo Opera Prima* (esse último só existe desde 2004, ou seja,

percentualmente a incidência é maior). Por fim, o que mais consagrou a narrativa feminina, com nove vitórias, foi o *Campiello*.

No que diz respeito à qualidade literária dos romances eleitos, é bem verdade que muitos livros lucrativos mundo afora são desprezados pela crítica literária. Todavia, ainda que no início de nossa pesquisa receássemos que as obras pudessem ter mais apelo às vendas e menos conteúdo, quanto mais as líamos, mais era perceptível a sua capacidade de equilibrar esses dois elementos na narrativa. Talvez esse atributo distinga os *stregati* de outros *best-sellers* ou pode ser que a corrente rotulação de obras de sucesso como “menores” seja resquício de tempos de difusão dificultada.

Anteriormente, sobretudo nos primeiros cinquenta anos do século XX, a “verdadeira” literatura era distinta quase por princípio da literatura popular, comercial, de massa, de sucesso. (...) com o mito da comunicação globalizada (ou seja, nada ou quase nada existe realmente se não se difundir no mercado internacional), a perspectiva crítica se transformou: o best-seller não está mais condenado à “série B”. Até escritores e críticos sofisticados como os norte-americanos Tom Wolfe (A fogueira das vaidades), Susan Sontag (O amante do vulcão, Na América) e o alemão Hans Magnus Enzensberger (O diabo dos números) tentaram publicar pelo menos um best-seller. Como alguém já disse, nada faz tanto sucesso como o sucesso, e ter um pouco de sucesso pode ajudar qualquer tipo de autor a chamar a atenção para seus livros menos acessíveis (BERARDINELLI, 2007, p. 160).

A título de curiosidade, outra maneira de entender as predileções do *Strega* é olhar para o tipo de narrativa que não costuma figurar entre os premiados: romances policiais (com a exceção de *O nome da rosa* de Umberto Eco), obras com experimentalismo linguístico como as escritas por Andrea Camilleri e, uma das ausências mais sentidas pela crítica, a relevante produção humorístico-fantástica do século XX (Palazzeschi, Campanile, Calvino ou Manganelli, por exemplo). Sob outra perspectiva, isto é, olhando para os resultados, houve duas edições em que não venceram exatamente romances, mas ensaios de estrutura narrativa: *Tolstoj* de Pietro Citati (1984) e *Microcosmi* de Claudio Magris (1997) e, ultimamente, foram admitidas, mas com baixas chances de êxito, duas *graphic novels*: *Unastoria* de Gipi (2014) e *Dimentica il mio nome* de Zerocalcare (2015).



Ademais, é fenômeno raro que o mesmo autor vença o *Strega* mais de uma vez. Apesar de o regulamento permitir a reinserção do vitorioso no concurso após três edições sucessivas, apenas Paolo Volponi, em 1965 e 1991, e, recentemente, Sandro Veronesi, em 2006 e 2020, alcançaram essa façanha. Por outro lado, é comum que os autores laureados pelo prêmio concorram com mais ou menos êxito em edições anteriores à almejada condecoração. Não vamos nos estender nas exemplificações, mas em época recente observamos quatro vencedores que se encaixam nesse perfil: Emanuele Trevi (2021) concorrera também em 2012, Antonio Scurati (2019) perdera por um voto a edição de 2009 e entrara na *cinquina* de 2014, Paolo Cognetti (2017) estivera na *dozzina* de 2013 e Edoardo Nesi (2011) fora finalista em 2005.

No romance auto ficcional *La polveriera* (O barril de pólvora), cujo título é o apelido dado pela fundadora Maria Bellonci ao concurso em reconhecimento ao caráter explosivo e tenso de seus debates, Stefano Petrocchi, atual diretor da Fundação Bellonci, afirma que sua predecessora, Anna Maria Rimoaldi, não amava se deixar surpreender por concorrentes desconhecidos e, em vez de perseguir os casos editoriais do período, preferia “criar em casa” os autores “stregáveis” que eram detectados por ela bem precocemente, no primeiro ou segundo livro publicado. A partir daquele momento, Rimoaldi acompanhava seu amadurecimento preparando, na medida do possível, uma progressão de carreira incluindo uma ou duas aparições na *cinquina* (PETROCCHI, 2014, p. 78).

No que tange ao fato de que as editoras contempladas pelo *Strega* não mudam quase nunca, a declaração dada por Romana Petri reflete uma queixa de outros concorrentes e do público em geral. Até 2019, ano do término de nossa pesquisa, o cotejamento entre os prêmios havia apontado dados convergentes com tais críticas.

A grande diferença que pudemos constatar reside na alternância de editoras contempladas pelos concursos literários. Nas dezenove edições do *Strega* neste início de século apareceram apenas cinco grandes grupos: Mondadori, Rizzoli, Einaudi, Bompiani e Feltrinelli. A única exceção foi a vitória de 2018 pela Guanda. No mesmo período, o *Viareggio* foi entregue a livros de onze diferentes editoras, com chance desse número aumentar em 2019, já que entre os três finalistas há duas obras da editora La nave di Teseo que nunca venceu esse prêmio. Já o *Campielo* e o

*Bagutta*, com duas categorias cada, premiaram dezenove e vinte e três casas editoras, respectivamente. Houve uma edição empatada no *Campielo* e outra no *Viareggio*, enquanto no *Bagutta* esse fenômeno aconteceu seis vezes, o que incrementa a possibilidade de revezamento entre editoras vencedoras em razão do aumento no número de prêmios concedidos. Contudo, mesmo que considerássemos apenas uma das categorias e excluíssemos os empates, o número de editoras vencedoras em cada um dos outros três prêmios ainda excederia a quantidade de editoras contempladas pelo *Strega* (COSTA, 2019, p. 61-62).

Sobre o tema da editoria, as estudiosas brasileiras Marisa Lajoso e Regina Zilberman publicaram, em 2001, a obra *O preço da leitura – Leis e números por detrás das letras* em que refletem sobre a literatura além do tripé autor/obra/público com foco nas lógicas mercadológicas. Na medida em que as intermediações entre os três pontos são muito variadas, é preciso que a Teoria e a Crítica não deixem de lado a questão econômica e materialista “ponto de partida para uma teoria da literatura que não se queira nem idealista, por sacralizar o texto, nem caolha, por ter dificuldade de enxergar os meandros da vida literária, que se estendem para além das relações lineares entre autor e obra.” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001, p. 167).

Nessa esteira, a escritora romana Claudia Cammisecra publicou em 2015 o seu trabalho de conclusão de graduação em Comunicação (*Il Premio Strega: un’analisi tra letteratura, società e industria editoriale*), no qual afirma que a atuação das editoras no mundo contemporâneo está marcada por uma despersonalização do caráter específico do editor, por uma organização do trabalho com estrutura empresarial de tipo-industrial capitalista e até pela entrada de figuras distantes do mundo literário no poder decisório das diversas editoras.

Da pesquisa feita por Cammisecra, na qual entrevistou também o diretor Petrocchi, emerge a constatação de que as candidaturas das obras raramente ocorrem de forma espontânea por parte dos *Amici della Domenica*, mas sim que, seguindo as lógicas de mercado, são na verdade as editoras que selecionam internamente as obras que têm o perfil do concurso e, em seguida, buscam o apoio de dois jurados para inscrevê-las.

Anexada ao final de seu trabalho encontra-se a transcrição integral de uma entrevista feita a um editor, cujo anonimato foi exigido, que indicou vários autores finalistas do prêmio.

Com relação ao que a autora chama de “efeito *Strega*”, no tocante ao aumento das vendas de uma obra literária vencedora do prêmio, o editor incógnito entrevistado por ela afirma que a *Fondazione Bellonci* não tem interesse em impulsionar livros que depois as editoras menores não tenham força para promover e comercializar. Segundo ele, uma casa pequena como a *Minimum Fax*, se viesse a receber o *Strega*, venderia um número de exemplares até dez vezes inferior ao de uma editora de grande porte que consegue distribuir e comercializar um volume considerável de obras (COSTA, 2019, p. 38).

Contudo, ao passo que, como visto anteriormente, a disparidade de gêneros entre os *stregati* (alcunha das obras vencedoras) continua sendo motivo de grandes questionamentos e descrédito, a supremacia das grandes editoras vem sendo desmistificada nas últimas edições. É prematuro afirmar se estamos diante de uma coincidência ou de uma tendência, mas as edições de 2020 e 2021 do *Strega* tiveram como vitoriosas as editoras La Nave di Teseo e Neri Pozza que nunca haviam ganhado. No entanto, a editora Sellerio, bem presente entre os vencedores do *Campielo* na década de 2010 e já agraciada pelo *Bagutta* e pelo *Viareggio*, permanece ausente no *Strega*.

Em nome da credibilidade do próprio prêmio, espera-se que a constatada presença de autoras e de pequenas editoras entre as doze obras finalistas dos últimos anos seja não só mantida como ampliada, de modo que haja espaço para todos na *cinquina* e que resultados mais democráticos, semelhantes aos obtidos nas três últimas edições sejam constantes.

### **Características das obras premiadas**

No que diz respeito às obras em si, no decorrer da pesquisa, fizemos uma leitura atenta dos primeiros dezoito romances vencedores do século XXI e, em relação ao formato narrativo, pudemos detectar o predomínio das escritas do eu, do realismo e da linguagem ensaísta:

Esses modelos narrativos não são um privilégio do conjunto literário italiano e, menos ainda, dos *stregati*. No mundo globalizado em que vivemos, as tendências literárias assemelham-se por toda parte, foi o que afirmaram Remo Ceserani e Giuliana Benvenuti na obra *La letteratura nell'età globale* (il Mulino, 2012), em que denunciam o processo de desnacionalização pelo qual atravessa a produção literária global. Ao mesmo tempo, entre os temas recorrentes identificados nos *stregati* e que, de certa maneira, os nacionalizam e afastam dos padrões do *midcult* anglo-saxão de ampla difusão internacional, podemos citar a forte presença de tramas associadas a situações de guerra, em especial àquela deflagrada durante os anos do fascismo, enredos derivados de circunstâncias político-econômicas italianas, da ação da máfia no *Bel Paese* ou de crimes ocorridos em território nacional, que podem não suscitar imediatamente o interesse de um leitor estrangeiro. Por outro lado, a crise econômica internacional, desencadeada na primeira década dos anos 2000, é um mote que, deixando de lado as peculiaridades do cenário italiano, conversa com leitores do mundo todo, considerando as proporções globais dessa recessão e suas consequências negativas sentidas praticamente por toda parte (COSTA, 2019, p. 173).

Mesmo não sendo um prêmio sentido e acompanhado de perto pelo público brasileiro em geral, o caráter universal e/ou a qualidade de muitos *stregati* fazem com que editoras optem por publicar suas traduções no Brasil. Entre os vencedores deste século identificamos *Como Deus manda* de Niccolò Ammaniti, *As oito montanhas* de Paolo Cognetti, *A solidão dos números primos* de Paolo Giordano, *Não se mexa* de Margaret Mazzantini, *Inseparáveis. O fogo amigo das lembranças* de Alessandro Piperno e *Caos Calmo* de Sandro Veronesi.

Observamos ainda que, em um mundo de escassez de tempo dedicado à leitura, em que ela concorre com mídias bastante menos exigentes de empenho e dedicação do público, os romances vencedores do *Strega*, por vezes até extensos em número de páginas, conservam uma grande rapidez narrativa. Tal característica resguarda não apenas sua legibilidade e o fluxo de consumo imprescindíveis para as leis do mercado editorial, como se presta perfeitamente ao audiovisual e, efetivamente, não é incomum que as obras finalistas se tornem roteiros de filmes, peças ou séries de TV. Exemplos das últimas décadas são as películas de *La scuola cattolica*, *Non ti muovere*, *Caos Calmo*, *Come Dio comanda* e *La solitudine dei numeri primi*, além de *Vita* e *Il colibrì* que ainda estão em fase de produção cinematográfica e *M. Il figlio del secolo* cuja leitura

dos trechos mais relevantes por três famosos atores italianos no teatro do Palazzo dei Congressi di Roma virou um programa de televisão com a participação do autor Antonio Scurati.

A apuração de coincidências entre as características apontadas pela nossa pesquisa e aquelas presentes nos ensaios de renomados pesquisadores da narrativa dos nossos dias como Raffaele Donarumma (*Ipermodernità. Dove va la narrativa contemporanea*, 2014), Daniele Giglioli (*Senza trauma. Scrittura dell'estremo e narrativa del nuovo millennio*, 2013) e Gianluigi Simonetti (*La letteratura circostante: narrativa e poesia nell'Italia contemporanea*, 2018), que por vezes também analisaram os mesmos romances ou outras obras de autores já premiados pelo *Strega*, reforça o nosso entendimento que os *stregati* estão contribuindo para uma ainda muito incipiente formação do cânone literário deste milênio.

Quanto à influência dos clássicos que em seus momentos históricos foram inovadores e vanguardistas, é natural que os romances contemporâneos de certa maneira os parodiem. Mudam os personagens, muda o contexto, a língua se transforma, mas os recursos estilísticos se repetem com adaptações. Um romance que tem força para vencer o *Strega* no século XXI deve suscitar interesse tanto por seu enredo quanto por seu estilo e referências a obras canônicas, proporcionando níveis de leitura variados de acordo com o conhecimento literário prévio do leitor e, mesmo seguindo modelos, deve tentar usar a herança literária para dar vida a uma obra original.

## Referências

BELLONCI, Maria. *Io e il Premio Strega*. Milano: Mondadori, 1995.

BERARDINELLI, Alfonso. O best-seller pós-moderno de “O Gattopardo” a Stephen King. In: WATAGHIN, Lucia. *Não incentive o romance e outros ensaios*. Trad. Doris Cavallari, Francisco Degani, Patricia De Cia. São Paulo: Nova Alexandria/Humanitas, 2007.

CAMMISECRA, Claudia. *Il Premio Strega: un'analisi tra letteratura, società e industria editoriale*. Tese (Comunicação, Mídia e Publicidade). Roma: Università Telematica Internazionale Uninettuno 2015.

CONTENTI, Alessandra. *L'invenzione del bestseller*. Milano: Tranchida, 2002.

COSTA, Clara M<sup>a</sup>. S. P. da. *Narrativa italiana no século XXI segundo o Premio Strega*. 2019. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Italiana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. <https://doi.org/10.11606/T.8.2020.tde-18022020-174420>. Acesso em 30 nov. 2021.

PETROCCHI, Stefano. *La polveriera*. Milano: Mondadori, 2014.

PETROCCHI, Stefano (Org.). *Strega – Un premio che nessuno ha ancora immaginato*. Milano: Rizzoli, 2014.

**Recebido em:** 3 de dezembro de 2021.

**Aceito em:** 28 de dezembro de 2021.